

FORMAÇÃO DE PROFESSOR: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E MEDIAÇÃO DE LEITURA

Maria Aparecida Valentim Afonso
UFPB

A arte de contar histórias é uma prática milenar que tem se mantido até os dias atuais. É uma forma de compartilhar experiências e de entender o mundo que nos cerca. Há alguns anos era utilizada para repassar costumes, crenças, hábitos, a cultura e o modo de viver de diferentes povos, hoje, ela está cada vez mais presente na escola e na sala de aula. Busatto (2006, p. 25) nos diz que “a contação de histórias ou narração oral de histórias permite ao sujeito que conta e ao sujeito que ouve um contato com outras dimensões do seu ser e da realidade que o cerca”.

As histórias, além de nos mostrar a realidade de épocas distintas, nos faz pensar sobre as relações humanas, podendo se constituir em passaporte para outros lugares, levando-nos a conhecer outras experiências e culturas, tornando real a afirmativa “quem lê, viaja”. As histórias também estão repletas de ensinamentos e mistérios que nos ajudam a compreender o mundo e a essência do comportamento das pessoas com as quais convivemos. As histórias ajudam, principalmente, as crianças a superarem dificuldades, medos, traumas, perdas e desafios. Por isso a importância de contar histórias para as crianças.

Na sociedade atual, presenciamos situações que indicam a valorização do contador de histórias em diversos espaços, especialmente na escola. O contador contemporâneo, geralmente, apoia-se em um texto escrito, cujo tratamento, depende da habilidade e da capacidade de organizar e usar a linguagem, bem como a expressão corporal, gestual, vocal e espacial, transformando esses momentos em eventos de comunicação oral. Apoiando-se nas histórias do livro, o contador de histórias, atuantes nas escolas, tem a preocupação de escolher previamente os textos e selecioná-los de acordo com o público para o qual vai contar.

Quando a história contada desperta o interesse da criança, há uma interação entre o contador e o “ouvinte”, momento em que os sentidos são estimulados através das trocas de olhares, dos gestos e do corpo do contador que comunica, juntamente que a linguagem verbal, sentimentos e emoção. Não são apenas palavras, mas um conjunto de ações realizadas pelo contador que são percebidas pelo ouvinte, estabelecendo uma troca, onde sedução, afetividade, cumplicidade e significação são forjadas pela interação que se estabelece entre quem conta e quem ouve.

Diante da necessidade de estar cada vez mais próximo do ouvinte, de seduzi-lo para a história, o contador de histórias na atualidade tem buscado novas performances que possam atrair ainda mais o leitor. Sisto (2010) afirma que é preciso preparar para esse momento.

Aprender uma história para contar é como construir um filme. Temos que visualizar mentalmente cada coisa que vai sendo contada. Seremos capazes de recontá-la de memória sem que tenha sido preciso decorá-la. Seleccionamos os gestos e as vozes que serão utilizados como continuadores da palavra, [...]. A palavra, por sua própria força, demanda gestos e expressões que surgem de forma orgânica, como continuidade, nunca como ruptura. [...] Um contador de histórias é também um agente de sua língua. Por isso a correção, a clareza, a eliminação de vícios de linguagem e a preservação da literariedade do texto, mesmo numa fala cotidiana, devem fazer parte de suas preocupações.

Esse aprendizado é fruto da observação e da busca interna por recursos que possam ressaltar aspectos que já possui bem como realizar um processo de elaboração e de reflexão sobre a importância de contar histórias. Nesses momentos podem ser utilizados pelo professor alguns recursos, visando transformar a contação de histórias em um momento muito agradável. Nesse sentido, o corpo e entonação de voz para cada personagem, o sussurro, as pausas, o silêncio e a clareza na pronúncia são fundamentais para dar mais realismo à história. Todos esses elementos, quando trazidos para a roda de contação, ajudam a tornar o momento de contar e ouvir histórias, mais especial. Paul Zumthor (2007) enfatiza a performance, a qual pode ser considerada a interação estabelecida entre o contador e o ouvinte no momento da contação, envolvendo as trocas provocadas pela mediação do contador, podendo ser expressa de diferentes modos: pela voz, corpo, olhar, gestos, etc.

A performance e o conhecimento daquilo que se transmite estão ligados, naquilo que a natureza da performance afeta o que é conhecido. A performance, de qualquer jeito, modifica o conhecimento. Ela não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando ela o marca. (ZUMTHOR, 2007, p. 37)

A marca realizada por meio da performance é possível porque há uma proximidade física entre contador e ouvinte, sendo passíveis percepções e sensações de vários elementos utilizados na mediação. Cada ouvinte pode perceber aspectos e ter emoções diferenciadas ao ouvir histórias, pois a percepção de cada um depende das experiências vivenciadas por eles. É preciso remexer com a memória, buscar referências para a partir delas construir sua compreensão e proximidade com a narrativa. Zumthor (2007, p.59) diz que a “performance designa um ato de comunicação como tal, refere-se a um momento tomado como presente. A palavra significa a presença concreta de participantes nesse ato de maneira imediata”.

Por que contar histórias para crianças?

Se para um adulto ouvir uma boa história é prazeroso, para a criança, esse ato torna-se fundamental, pois antes de ser introduzida na escola, de conhecer e dominar os gêneros escritos, seu primeiro contato com a magia da “literatura” se dá através dos gêneros orais. A partir da fala, das conversas e da audição de histórias realizadas por adultos, a criança inicia seu processo de aprendizagem. Ao discutir esse tema Cavalcanti (2002, p. 68) afirma que a criança “é introduzida no mundo da leitura desde seu primeiro olhar para o mundo, que em geral, dirige-se à imagem materna. Assim, uma criança acalentada e embalada pela voz, [...] tem uma grande possibilidade de ser alguém potencialmente estimulado para o universo da leitura”.

Podemos observar que a criança que ouve muitas histórias, tende a repetir comportamentos e modos de contar do adulto e aos poucos se apropria de atitudes, gestos e formas de dizer, criando uma postura de leitor. Desse modo, contar histórias para criança não é algo banal, sem importância, usado apenas para entretê-la. Abramovich (1991, p. 16) reitera que “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão do mundo”. A autora destaca a importância de a criança ouvir muitas histórias para formar o seu repertório de narrativas e construir referências de leituras e de comportamento leitor.

Ao ouvir as histórias contadas, o ouvinte tende a incorporar em seu comportamento o modo de contar, postura de corpo e até mesmo a ampliação da linguagem. Atitudes ao segurar o livro, ao passar as páginas, a postura e o uso da voz, enfim, todo o processo de mediação da leitura é percebido pela criança. Essas ações demonstram o início da aquisição da leitura, uma vez que a criança que ouve histórias, mesmo não sabendo ler, tem maior possibilidade de pegar um livro, usar a imaginação e inventar uma história, ou até mesmo recontar uma que goste muito e tenha memorizado.

Com o trabalho sistemático, planejado e consciente do mediador é possível ter êxito na formação de crianças leitoras, que tanto queremos em nossas escolas. Nessas experiências as crianças vão internalizando comportamentos leitores que ajudam a formar o gosto pela leitura, estimulando-a a aprender a ler o quanto antes para desvendar, ela mesma, as narrativas dos livros com suas múltiplas palavras, frases, parágrafos e textos inteiros, sem necessitar que outra pessoa leia para ela.

As propostas realizadas pelo mediador da leitura na escola podem ajudar o formar o leitor que desejamos: que tenha prazer com a leitura. A contação de histórias realizada sistematicamente na sala de aula fornece ao ouvinte elementos para que perceba o mundo de forma mais ampla.

Nesse contexto, ouvir histórias possibilita à criança desenvolver-se cognitivamente, de uma maneira mais ampla, aflorando a imaginação e a criatividade, desenvolvendo a capacidade de perceber conflitos e buscar soluções. Não somente o ato de ouvir, mas também o exercício de representação das histórias ouvidas ajuda a criança nesse caminho para o desenvolvimento, ao propiciar a vivência de sentimentos como: alegria, tristeza, medo, raiva, dentre outros, presentes no enredo das narrativas. “E isso pode ocorrer pelo aconchego oferecido pelas histórias; pelo embalo do acalanto; pelo espírito de amorosidade que flui numa narrativa oral realizada com prazer. Por outro lado, contar histórias pode ser fermento para o imaginário”, conforme reitera Busatto (2006, p. 58).

Para a criança, em uma contação de histórias, é importante a convivência e a troca afetiva, a possibilidade de recontar do seu jeito o que ouviu, a oportunidade de ouvir de novo, enfim, a mediação da leitura. A interação entre o contador e o ouvinte podem fornecer subsídios para a compreensão mais ampla da história, constituindo possibilidade de aproximar afetivamente as pessoas, o que é fundamental para o desenvolvimento de comportamentos éticos e de uma percepção estética mais apurada.

Diante disso, percebemos a relevância que a contação de histórias na vida das crianças e nas práticas da escola bem como a importância de sua manifestação cotidiana no espaço da sala de aula, momento em que as interações entre quem conta e quem ouve se realizam com mais intensidade e proximidade, através da mediação da leitura. Podemos dizer que acontece, nesse momento o processo estudado por Vygotski (2001) o conceito de zona de desenvolvimento proximal, uma vez que podemos conceber a roda de contação de histórias como oportunidade de transformação e desenvolvimento da criança através da ajuda do mediador e dos colegas, e sem dúvida, de sua capacidade de imaginar.

Nas rodas de história, a percepção do ouvinte tende a se ampliar, porque o contador de histórias conta com o corpo inteiro e, da mesma forma, o ouvinte ouve com o corpo inteiro, uma vez que elementos verbais e não-verbais ajudam a interação entre eles. Não é apenas o ouvido, mas o corpo do ouvinte que sente as vibrações sonoras e corporais do contador de histórias, imprimindo sentido às palavras e desvelando significados buscados muito além das palavras. Zumthor (2007, p.90) afirma que ainda que “o corpo é ao mesmo tempo ponto de

partida, o ponto de origem e o referente do discurso”. O corpo do contador também conta, ao exprimir sensações e passar para o corpo do ouvinte a sensações e emoção da história.

Formação de professores e mediação de leitura

Mas afinal o que significa mediar a leitura? Que aspectos devem ser destacados na formação do mediador? Edson Gabriel Garcia (2012) afirma que o “mediador muitas vezes faz o percurso junto, ele mesmo é um sujeito em processo, alguém que vai formando leitor à medida que vai formando outros leitores. O mediador da leitura nunca está definitivamente pronto: será sempre um vir a ser”. Essa afirmativa do autor nos leva a pensar que muitas vezes, o professor não está pronto e, por isso, a necessidade de uma formação continuada e em um trabalho coletivo nas escolas que ajude a fortalecer as ações do mediador no espaço escolar.

Algumas vezes, o professor apresenta dificuldades com a leitura, desconhece livros e textos que podem ser utilizados com os alunos, tem preferência por algum gênero e não trabalha com os demais, ou seja, ele mesmo precisa de estímulo, de experiências com a leitura que possam lhe proporcionar uma visão mais ampla do processo de mediação. Além disso, é importante perceber que o processo de formação do leitor é contínuo e vai se dando no decorrer de sua vida, com as experiências de leitura que for obtendo na vida profissional e particular, no cruzamento entre a teoria e a prática.

Para que a atividade do mediador de leitura se realize de maneira eficiente entendemos que alguns aspectos merecem ser observados. Dentre eles destacamos: conhecimento sobre a função do mediador, ser leitor, ter conhecimentos teóricos e práticos sobre a arte de contar histórias, ter acesso a um bom acervo de livros.

Para obter o conhecimento sobre a função do mediador, é preciso investir na formação. Entendemos que essa formação precisa se dar de forma mais ampla, uma formação cultural. Como diz Rosing (2009) a defasagem na formação dos professores se dá por vários fatores, em especial pela falta de contato com a cultura. É a falta do hábito de ler e a falta de tempo que faz com que os professores não construam e nem ampliem os conhecimentos que a leitura de diferentes tipos de textos possibilita.

Acreditamos que a formação de mediadores da leitura poderá ser realizada nas diferentes disciplinas dos cursos de graduação, nas diversas áreas de conhecimento, desenvolvendo no professor o gosto pela leitura e o contato com múltiplas linguagens. A partir dessa formação será possível uma melhor qualificação profissional, para exercer a

mediação da leitura, desenvolvendo nos alunos a competência de ler e o gosto pela leitura.

Por outro lado, observamos que os cursos de formação de professores pouco têm contemplado esse aspecto, de fundamental importância para a formação de educadores capacitados e qualificados. Os cursos precisam oferecer maior contato com a cultura, seja ela local, regional, nacional ou mundial. Essa defasagem incide diretamente na formação de alunos leitores, atualizados com os conhecimentos produzidos nessa “sociedade globalizada”, e aptos para atuar e interagir com ela sem dificuldades. “Por isso a formação do professor precisa acontecer num processo de harmonização entre educação e cultura” (ROSING, 2009, p. 131). Para tanto, deve-se repensar o currículo e as metodologias dos cursos de formação de professores para que o ensino e aprendizagem possam se efetivar de modo a preparar o aluno para uma leitura mais ampla, formando verdadeiros leitores, ou melhor, mediadores de leitura.

O importante é que o professor no exercício da docência, em sendo um leitor, aprecie as peculiaridades das linguagens e, assim, passe essa paixão no processo de formação de leitores. É imprescindível que estas, efetivamente, consigam não somente distinguir a natureza das linguagens, mas também desenvolver o gosto pelo literário, pelo uso estético da linguagem, pelos efeitos estéticos da linguagem, pelos efeitos que ela produz na construção e no enriquecimento da interioridade de cada leitor (ROSING, 2009, p. 134).

À medida que o indivíduo tem contato com uma variedade de textos e livros, a sua capacidade de ler passa por mudanças, uma vez que vai ampliando o seu repertório de leitura durante toda a vida. A leitura de uma diversidade de textos e gêneros textuais ajuda a formação desse leitor crítico.

Diante disso, a leitura de livros com estruturas e linguagem diferenciadas, como, conto, poesia, poema, artigos científicos, jornal etc., é importante, pois amplia a capacidade linguística e de compreensão, enriquece o vocabulário, dando uma visão mais diversificada do mundo. Mas, sem dúvida nenhuma, as competências do leitor tendem a se ampliar com a leitura literária, uma vez que ela é plurissignificativa.

A leitura de uma diversidade de gêneros textuais para os alunos, além de propiciar o contato com diferentes suportes textuais, ainda pode favorecer oportunidade para realização de performances, de interpretação, de diálogos, de discussões, a partir da análise das formas de dizer e de contar. Às vezes podemos caprichar na tonalidade da voz, nos detalhes dos gestos, na força do olhar. Mas é preciso ter sempre em mente, que todas essas formas de apresentação de uma história, partem ou devem partir da leitura. É a leitura que vai indicar o melhor texto para ler, contar, dramatizar, interpretar etc.

O mediador de leitura deve ser um sujeito atento para os fatos e acontecimentos do seu cotidiano, conectado com os fatos da vida dos alunos que possam servir de mote para as conversas e para as propostas de leitura que realiza. Por isso, a interação com diferentes gêneros textuais, é importante, pois eles podem fornecer oportunidades para aprofundar discussões e conquistar leitores ainda reticentes quanto ao prazer de ler. A sedução para a leitura, por isso mesmo, envolve conhecimentos técnicos e de mundo, na medida em que exige do mediador sensibilidade para perceber o que está acontecendo no espaço social dos ouvintes e seus interesses.

Entendemos que o mediador de leitura precisa ser um sonhador. Acreditar na imaginação e propor práticas e experiências que levem os ouvintes e leitores a experimentarem o exercício de por meio da subjetividade, conhecer a realidade e mudá-la, se necessário. “O contar histórias e trabalhar com elas como uma atividade em si possibilita um contato com constelações de imagens que revela para quem escuta ou lê a infinita variedade de imagens internas que temos dentro de nós [...]” Por isso mesmo, o mediador de leitura deve estar disposto a descobrir caminhos e formas que possam seduzir o ouvinte para a leitura; descobrindo ele mesmo o seu caminho de leitor.

Para isso, é importante que o mediador goste de ler, interesse-se por leitura de textos e por livros. Hunt (2010, p. 120) destaca “mais um item na interface entre leitor e livro: o conhecimento de livros e autores trazido pelo leitor.” Para o autor, leitores qualificados ao escolher um livro para levar para os ouvintes leva em consideração o grau de atenção que vai despender, os tipos de sensações que serão oportunizadas, antes mesmo de levar o livro para a turma. Antes ou após a leitura é conveniente criar no ouvinte uma postura de leitor, explorando os vários aspectos presentes no livro. Para isso comentar sobre o autor, as ilustrações, as cores, a capa, o tipo de letra, o tamanho do livro e o leiaute, pode se constituir uma boa estratégia para formar o leitor atento e crítico. Mas essa abordagem só poderá ser feita por um leitor/mediador que conhece o livro, que planeja a leitura e que possui informações relevantes sobre o livro e o autor.

Como dissemos anteriormente, a formação do leitor é um processo, que se dá em toda a sua vida, mas é preciso inicialmente, o desejo por conhecer as histórias, querer saber como termina a narrativa, como os personagens vão viver, onde ficarão. Essa curiosidade pode ser um indício de que o leitor está ali bem perto, bastando algumas experiências de leitura bem elaboradas para fazê-lo desabrochar. Criar o desejo, a curiosidade, é um caminho que ajuda o mediador a se formar leitor e formar aqueles que estão próximos a ele.

Para mediar o trabalho com o livro na sala de aula é preciso que o professor esteja preparado para realizar momentos agradáveis de leitura. Esses momentos podem ocorrer de diferentes formas e com variadas intenções, sendo importante que o professor conheça as preferências dos alunos.

Sisto (2010, p. 2) fala sobre a importância de desconstruir esse comportamento e afirma a necessidade de

extrapolar as amarras do didático, do exemplar e do mero informativo. Saltar da obrigação de ensinamento para a noção de fruição, de prazer estético, de embelezamento da conversa trocada através de uma história, do exercício de linguagem que procura a forma adequada para dizer-se de si mesmo.

Conforme defende o autor, é preciso superar a mera didatização dos momentos de contação para ir em busca de um leitor e de um ouvinte que ouve, lê, compreende e relê os textos como um exercício estético e de compreensão do mundo. Pois, o ouvinte quando tocado pela história, bem contada, emociona-se, uma vez que a contação de histórias é uma arte e como tal deve emocionar e fazer vibrar aquele que ouve.

Sendo assim, o momento da leitura deve ser especial, direcionado de maneira a despertar nos alunos o gosto pela leitura, o prazer de ler sem tantas cobranças e avaliações, como geralmente acontece. Cabe ao mediador estimular a leitura dentro e fora do espaço escolar. E, na medida do possível a prática da leitura possa se estender para o ambiente familiar, tornando uma atividade cotidiana e natural na vida dos alunos.

O mediador também deve conhecer e ter acesso a livros de literatura. O conhecimento e o acesso aos livros envolve visita a bibliotecas, a salas de leitura e a pesquisa no acervo disponível na escola. Entendemos que o mediador deve ser um pesquisador, de livros e de textos que possam tornar as rodas de leitura agradáveis e lúdicas. Para isso, deve escolher livros e histórias que goste muito, mas que também possa agradar os ouvintes, atendendo suas expectativas. Os livros devem ser escolhidos, como se escolhe um presente para os ouvintes.

A produção de livros de literatura infantil apresenta-se como uma excelente opção, na medida em que dispõe de um vasto acervo que pode ajudar o mediador na sedução do leitor. A literatura infantil pode ser utilizada como instrumento para a sensibilização e contato com a arte, para a expansão do interesse de analisar o mundo e a cultura. Nessa perspectiva, a literatura infantil permite o contato da criança com uma pluralidade cultural, pois a mesma tem a capacidade de entreter, emocionar as crianças, e ao mesmo tempo, apresentar de

maneira lúdica as narrativas e os diversos gêneros literários presentes nela. Por isso, a presença da literatura infantil na sala de aula é considerada pelos especialistas, referência para que o professor possa desenvolver nas crianças o gosto pela leitura por meio do convívio com a linguagem literária.

Acreditamos que o livro para crianças e jovens como produto cultural não pode deixar de refletir a sociedade onde está inserido, com suas influências [...] quando é resultado de criação artística, ou quando trata de informação científica de maneira criteriosa, sem estereótipos ou sem preconceitos, transforma-se em importante instrumento de formação intelectual e afetiva de nossas crianças, na direção de uma educação libertadora (SERRA, p. 89-90).

Para a autora, a literatura infantil passa a ser reconhecida como portadora de uma linguagem rica e plurissignificativa, capaz de ajudar os leitores, alunos e alunas, a realizarem sua formação intelectual e afetiva, uma vez que os textos presentes nela ajudam a desenvolver a habilidades para apreciação estética e linguística, além de desenvolver sua competência leitora.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1991.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.

GARCIA, Edson Gabriel. **O mediador de leitura**. Disponível em:
<http://www.google.com.br/#hl=pt-BR&gs_nf=1&pg=edson%20gabriel%20garcia>

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

MACHADO, Regina. **Acordais: Fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DCL, 2004.

SANTOS, Fabiano dos; ROSING, Tânia M. K. **Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores**. São Paulo: Global, 2009.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó: Argos, 2010.

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1991

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2007.